





UM DRIBLE NO DESTINO

Deixar para trás o abrigo do lar rumo ao desconhecido é o caminho para quem sonha viver do futebol

TEXTO | **ANDREI ANDRADE** e **RENATA ALLGAYER**
FOTOS | **JOÃO DE QUEIROZ**

O vestiário é um dos lugares onde Cleber se encontra diariamente com sua nova família: a da bola

Os 400 quilômetros que separam Ajuricaba, noroeste do Rio Grande do Sul, de Gravataí, na Região Metropolitana, são os mesmos que afastam Cleber da Silva, 16 anos, do seu berço. Foi onde deixou a mãe e os cinco irmãos, em 2007, para viver seu grande sonho. Jogando no Cerâmica, clube da segunda divisão do futebol gaúcho, quer seguir os passos do pai, que perdeu aos seis anos: ser jogador profissional. Mas o menino não é afeito a grandes distâncias. Seu trajeto preferido tem apenas 16,5 metros: é a extensão entre a trave e o bico da grande área, habitat natural do centroavante. Neste caso, a saudade da família é uma pedra a ser chutada do caminho. Como quem afasta da grande área uma bola perigosa. Como fazia o pai, nos anos 80, defendendo o São Luis, de Ijuí.

No último dia 5 de outubro, Cleber, que ainda não conhecia remuneração pelo seu trabalho, assinou seu primeiro contrato. Desde sua chegada, esteve sempre adiantado em relação aos colegas das categorias infantil, juvenil e junior, permanecendo menos de um ano em cada, quando o normal são duas temporadas. O gol marcado contra o Atlético, de Carazinho, na estreia pelo time principal, ajudou a acelerar a profissionalização. Mas também despertou algum ciúme no elenco. Enquanto era entrevistado para esta reportagem, seus colegas, que descansavam após um treino exaustivo, cochichavam entre si: "De novo, o Cleber?". Talvez por não ter prestado atenção, o novo candidato à esperança de gols da torcida não tem do que se queixar dos companheiros: "No início me receberam com alguma desconfiança, por ser novo. Me senti de outra turma mesmo. Mas agora tá tranquilo, são todos meus amigos", comemora.

Deixar o seio familiar para viver no alojamento do clube, ou em casas cedidas por empresários, é a realidade de muitos atletas desde que o futebol é futebol. A travessia não conhece limites, seja de idade ou distância. Entre os 26 moradores da casa que abriga atletas das categorias de base do Cerâmica, e que também é escritório da direção, há catarinense, baiano, piauiense e até paraguaio. Tem ainda os que deixam os mais distantes rincões gaúchos rumo ao número 2.421 da Avenida José Loureiro da Silva. Chegar à dupla Gre-Nal é o auge com que sonham os meninos alojados. E a diretoria não nega essa condição: "Servimos de trampolim para esses jovens. Mas se

antes bastava vir alguém buscar para que os jogadores saíssem, hoje há toda uma negociação, que gera frutos também para o clube formador", afirma o gerente de futebol amador, Adriano Martins.

No caso de Cleber, não foi só um novo lar que ele encontrou no time verde e amarelo. Órfão de pai desde os dias em que ensaiava os primeiros chutes, tem em seu primeiro treinador, Adriano Erthal, a figura do pai que a vida o tirou. Foi ele quem o levou dos campos de pelada para fazer o primeiro teste em Gravataí. "O Erthal foi um pai pra mim. Sempre aconselhando, ajudando quando minha mãe não tinha dinheiro pra mandar. Foi quem me acolheu quando ainda não havia o alojamento. Nunca vou poder esquecer desse cara", comenta, entre grato e nostálgico.

Talento e persistência

O Cerâmica Atlético Clube foi fundado em 1950. Até 2007, viveu no amadorismo. A data de fundação, 19 de abril, foi proposta em homenagem ao aniversário de Getúlio Vargas. O maior resultado já obtido foi o vice-campeonato da Copa Lupi Martins, em 2008. Os cerca de 400 associados que compõem o quadro atual pagam mensalidade de R\$ 20,00, renda que ajuda a manter a folha salarial em dia. Em 2009, com a classificação para jogar a Copa do Brasil em 2010, a esperança da diretoria é dobrar o quadro social, oferecer melhores salários aos atletas e assim chegar à elite do Campeonato Gaúcho.

Martins vibra com as boas condições que o clube já consegue oferecer para os meninos recém-chegados. Psicólogo, assistente social, nutricionista, todos contratados pela agremiação, dedicam-se exclusivamente a dar suporte aos futuros talentos da casa. Apesar disso, muitos não aguentam e desistem: "Vários garotos promissores, promessas de craque mesmo, não se adaptam à vida longe da família. Anos atrás esteve aqui um zagueiro vindo de Montenegro que hoje, certamente, seria titular do profissional. Jogava muito. Mas ficou uma semana e foi embora", lamenta Martins.

Aos 20 anos, Rafael Cardoso já passou por adversidades dignas de gente grande, e quase foi embora duas vezes. Deixou a família em Araranguá, no interior catarinense, rumo ao Cerâmica, em 2003. Profissional desde 2007, tem vivido na pele as

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

Ao optar por cumprir nossa pauta com a gurizada do Cerâmica, tínhamos um argumento que se mostrou definitivo: por que esses meninos, de todos os cantos do país, deixam a família para jogar em um clube de pouca projeção nacional, sem os holofotes comuns à dupla Grenal? Foi a maneira como nos receberam na sede do clube, desde a Kati, assessora de imprensa, até o presidente, que deixou claro: acertamos na escolha. Dificilmente encontraríamos essa receptividade nos grandes clubes da capital. As con-

versas aconteceram após o treino, na volta ao estádio, no banco de reservas. Tivemos total acesso ao universo do clube. Não há estrelas no elenco profissional do Cerâmica. Há jovens que almejam estar entre o 1% dos profissionais bem remunerados do futebol no Brasil, há jogadores experientes que ainda buscam um algo mais na carreira e há dirigentes empenhados em dar boas condições de trabalho a esses atletas. São pessoas que, pudemos perceber, merecem ter suas histórias contadas.

No alojamento do Cerâmica, em Gravataí, 26 meninos vivem juntos as esperanças e incertezas do futuro profissional



incertezas da carreira. Duas lesões graves no joelho o deixaram fora dos gramados por mais de um ano. A data da primeira cirurgia, das duas que precisou fazer, coincidiu com o período depressivo que já vivia após a morte do irmão Andy Carvalho, assassinado em Santa Catarina na mesma época. Rafael era a segunda ficha apostada pelo pai para virar jogador. Andy, mais velho, foi a primeira.

Hoje, o lateral-esquerdo ainda não consegue jogar duas partidas em uma mesma semana. Constantemente, é poupado dos treinamentos. Residente do alojamento, que fica em frente ao estádio, até abril de 2009, só não desistiu da carreira porque a família se mudou para Canoas, o que encurtou a distância em 230 quilômetros. Deixou a casa oficial da garotada e agora vive com a irmã e o irmão, ambos mais velhos. Vai e volta todo dia, mas se diz mais feliz agora.

Encontros sagrados

Longe de casa, driblando um destino que a infância anunciava pouco promissor, a grande maioria destes jovens encontra na religião o conforto de um lar. A leitura da Bíblia, ritual que ocorre na concentração, sempre antes dos jogos, é como um sermão do pai que educa os filhos. Os encontros realizados sempre às quartas-feiras, com palestras espirituais, são

uma reunião de família, onde se estreitam os laços de união, amizade, confiança e fé no futuro profissional.

Aparecido Donizetti, goleiro e jogador mais experiente da equipe, é o que poderia se chamar de "gerente espiritual" do Cerâmica. Aos 36 anos, já defendeu times do Brasil inteiro, sem nunca chegar a um clube de grande expressão. No Clube de Valor, como exalta o hino do time de Gravataí, é ele quem comanda a oração no vestiário. E a meninada, segundo Aparecido, fica sempre atenta: "Como muitos estão longe de casa, os mais velhos têm que procurar ajudar, ser amigo, confortá-los. A palavra do Senhor é um refúgio para eles". O goleiro faz questão de frisar que não se trata de "fazer propaganda de igreja". "Não defendemos nenhuma religião. Apenas lemos o que está na Bíblia".

A direção apóia a prática religiosa por parte dos jogadores. Adriano Martins considera Donizetti um dos profissionais mais preparados que já passou pelo clube. "Foi a mola propulsora dessa afinidade das questões cristãs que o clube tem", afirma. Mas se a diretoria prefere dar os créditos aos bons resultados recentes ao grupo de jogadores, o goleiro faz questão de salientar que também não vive só de fé. "Tem muito trabalho, muito suor. Não há reza que faça a bola entrar sozinha no gol."